

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ivone Jardim Borba

CULTURA, ARTE E PATRIMÔNIO: CONHECER PARA MANTER!

Belo Horizonte

2012

Ivone Jardim Borba

CULTURA, ARTE E PATRIMÔNIO: CONHECER PARA MANTER!

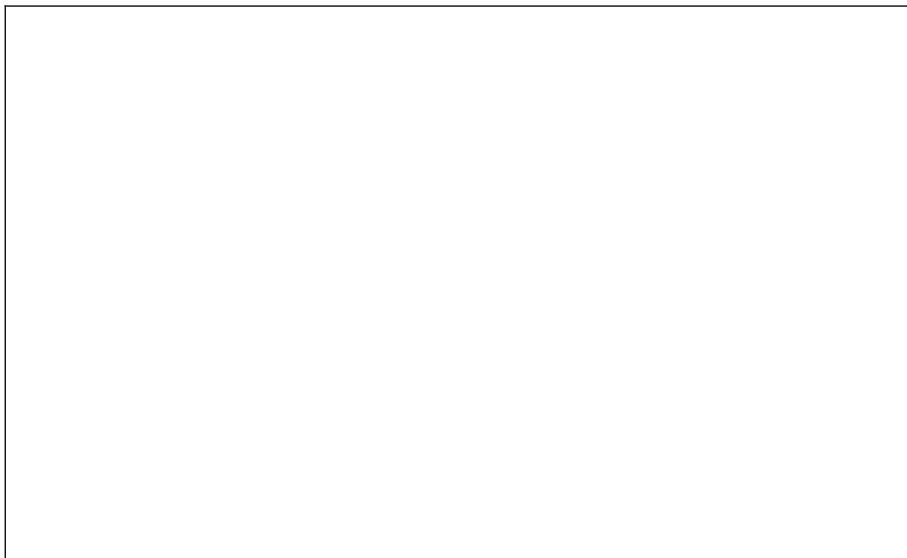
Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Orientadora: Claudia Sapag Ricci

Belo Horizonte

2012

Ficha catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, centered on the page. It is intended for a catalog card (Ficha catalográfica).

Ivone Jardim Borba

CULTURA, ARTE E PATRIMÔNIO: CONHECER PARA MANTER!

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Ambiental e Patrimonial.

Aprovado em 28 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Cláudia Sapag Ricci

Orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Selma A. Moura Braga

Convidada – Faculdade de Educação da UFMG

*“Não lhe posso dar o que já existe em você mesmo.
Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele
Que há em sua própria alma.
Não lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso,
a chave...
Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo... é tudo”.*

Herman Hesse

RESUMO

No Brasil, discute-se muito sobre preservação e valorização Patrimonial, porém poucas instituições em seus programas de ensino incluem proposta voltada para Educação Patrimonial. Considero de suma importância, na disciplina de História, discutir a questão patrimonial, assim como envolver os alunos, em ações que visem à preservação.

O presente estudo foi realizado com alunos da 8º Ano, da Escola Municipal Dom João Muniz, localizado no Bairro Jardim Profeta. A intenção foi problematizar o desinteresse dos alunos sobre os temas ligados ao século XVIII, explicitando as suas relações com a História local – a cidade de Congonhas, importante no cenário nacional e internacional como referência cultural. Foram desenvolvidas sondagens orais e escritas visando identificar os motivos do desinteresse da turma.

Uma das razões preponderantes detectadas foi o desconhecimento da História da cidade, seus monumentos e a sua importância mundial na esfera cultural. Diante disso, foram desenvolvidos, de forma articulada, estudos e pesquisas sobre o ciclo do ouro, a História de Congonhas, a Estrada Real entre outros aspectos relacionados ao passado histórico da cidade.

Palavras chave: História, Congonhas, Patrimônio, Afetividade, Identidade, Preservação

Sumário

1 - MEMORIAL DE PERCURSO.....	8
1.1 Tornando-me professora.....	10
1.2 Eu, os alunos e grandes Histórias.....	11
1.3 Tornando-me especialista em Educação Patrimonial.....	13
2. PROJETO DE TRABALHO.....	17
2.1 Apresentação do tema.....	17
2.1.1 O valor da educação ambiental e Patrimonial no ensino escolar.....	17
2.2 Problemas de pesquisa.....	18
2.3 Objetivos.....	19
2.3.1 Objetivo Geral.....	19
2.3.2 Objetivos Específicos.....	19
2.4 Justificativa.....	19
2.5 Descrição do produto pedagógico.....	23
2.5.1 Banco Imobiliário.....	30
2.5.2 Jogo de Pista.....	30
2.5.3 Jogo dos Sete Erros.....	30
2.5.4 Jogo de Dados.....	31
2.5.5 Jogo quebra-cabeça.....	31
2.5.6 Jogo de Damas.....	31
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1 - MEMORIAL DE PERCURSO

Ao debruçar-me sobre o computador, para relatar os caminhos percorridos até aqui me lembro da afirmativa de (SOARES, 2001)

“... tentei não apenas descrever minha experiência passada: tentei deixar que essa experiência falasse de si, tentei pensá-la...” (SOARES, 2001: 15)

As recordações povoam a minha mente e trazem à memória o tempo em que ainda adolescente, no frescor da vida, tive de assumir responsabilidades de adulto, devido a intempestividade da minha tenra idade.

Aos 17 anos engravidei do meu primeiro namorado. Como era o costume da época, casei-me e, em seguida, nasceu meu primeiro filho. Após seis anos vieram outros dois, um menino e uma menina. Optei por dedicar tempo integral à minha vida em família e, conseqüentemente, não concluí os estudos.

O tempo foi passando, meus filhos cresceram, decidi voltar a estudar. Optei por fazer supletivo e concluí o Ensino Médio. Ainda cursando o Ensino Médio prestei vestibular para Filosofia e passei em 10º lugar. Foi surpreendente este resultado e ao mesmo tempo um impulso a mais para eu continuar a lutar pelo meu sonho de tornar-me profissional da educação. Entendi que o sonho de tornar-me professora estava tomando forma. No entanto, havia um problema: o pagamento da matrícula e das mensalidades. Eu não tinha trabalho e meu marido não apoiava esta minha decisão de retornar aos estudos.

Diante desta situação e sabendo que havia muitos profissionais atuando na educação sem graduação, procurei saber detalhes sobre a possibilidade de já ingressar na profissão. Foi-me relatado que deveria ir à Superintendência Regional de Ensino, em Conselheiro Lafaiete, e me inscrever como professora regente. Fui até esta cidade, fiz a inscrição e fiquei aguardando ser convocada.

Logo consegui e atuei em uma escola assumindo 18 aulas. Mais uma vez me surpreendi. Como havia conseguido? Tudo foi relativamente fácil.

Algumas pessoas haviam comentado que seria impossível, pois a concorrência era muito grande e eu ainda não tinha contagem de tempo. Penso que Deus já estava no comando, pois a situação que foi criada é que fez com que tudo desse certo.

Havia uma moça formada em História no local da inscrição. Esta moça acompanhava sua irmã, que pleiteava vaga para Língua Portuguesa. Dentre os presentes havia também uma professora que estava no último ano do curso de Filosofia. Tinha experiência e interesse por essas aulas que acabei assumindo. No entanto, ela imaginou que a moça formada em História iria assumir. Diante da incerteza e risco em não conseguir, ela optou por aulas de Geografia apresentadas inicialmente, antes das de História. Em seguida, foram lançadas as aulas de História, e como disse anteriormente, a moça formada em História estava no local apenas como acompanhante, e não se manifestou. Não tendo nenhum outro interessado, consegui assumir as aulas. Após a reunião, a professora, estudante de Filosofia, me propôs uma troca entre as disciplinas, mas não aceitei.

O meu sonho agora se tornava realidade. Tinha que preparar-me para o grande dia em que entraria pela primeira vez em uma sala de aula como professora. Compreendia a situação de fragilidade, pois havia sido formada recentemente em um curso supletivo. Não tinha fundamentos didáticos e nem preparação para lecionar a disciplina História. Após reflexões entendi que a forma mais rápida para diminuir a minha insegurança seria assistir filmes sobre educação. Fui à locadora e encontrei vários. Por se tratar de uma escola de periferia, escolhi o filme *Ao Mestre com Carinho*. Foi um achado, pois em muitos momentos lembrei-me do filme e tive sabedoria para lidar com situações difíceis e ao mesmo tempo delicadas por se tratar de pessoas.

1.1 Tornando-me professora

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina. (FREIRE, 1982:101)

Acreditando nas palavras de Paulo Freire de que sonhar é tornar o impossível realidade, iniciei minhas atividades como docente, com grandes expectativas, sabendo que muitos desafios me aguardavam, mas na certeza de que estava no lugar certo.

Na escola mencionada, trabalhei por um ano, conciliando estudos e profissão. Foi um período bastante conturbado, pois além da faculdade e trabalho, o meu casamento estava em crise, o que acabou culminando em uma separação. Por um lado solucionei os conflitos de casal, mas por outro lado vieram outros problemas – financeiros e conflitos de adolescência, pois os meus três filhos estavam nesta fase da vida.

Nestas circunstâncias iniciei minha carreira, mesclando interesses familiares, trabalho e estudos. Não foi fácil. Muitos obstáculos foram superados e em 1998 formei-me em Filosofia. No mesmo ano, a Universidade ofertou um curso de especialização em Metodologia de Ensino. Considerei interessante a oportunidade, pois eu não tinha magistério e às vezes preocupava-me a falta de uma formação específica na área da educação. Decidi fazer matrícula e no ano seguinte continuava com a rotina de estudos.

No decurso do meu trabalho, percebi que a minha formação em Filosofia garantia o direito de lecionar História. Entretanto, esta situação poderia ser modificada perante a edital de concurso público. Mediante a esta dúvida decidi fazer outra graduação, pois o meu interesse era lecionar História e não Filosofia. Ainda cursando especialização em Metodologia de Ensino enviei meu currículo para a universidade e através da avaliação ingressei no curso de História. Assim a minha situação profissional seria regularizada.

Para aprimorar a minha prática profissional, na perspectiva de atualizar e manter-me informada, participei de vários cursos de formação e

aperfeiçoamento, tanto na cidade Belo Horizonte como em Congonhas.

1.2 Eu, os alunos e grandes Histórias

Desde o primeiro momento em que entrei na sala de aula, entendi que para ter resultados positivos no ato de ensinar é necessário instigar o aluno a expor suas ideias e participar da discussão dos temas apresentados. Esta possibilidade motiva o interesse e a curiosidade em relação ao conhecimento.

Sobre a relação alunos e professor, Paulo Freire nos ensina:

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os 'argumentos de autoridade' já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE 2005: 79)

O aluno sentir-se-á seguro para expressar suas opiniões e, em contrapartida, facilitará o trabalho do educador para o reconhecimento das dificuldades do aluno, se houver uma relação dialógica. É possível que o professor ajude os alunos na superação de suas dificuldades e ainda incentive novas aprendizagens. Em outras palavras, acredito em um ensino baseado nesta ação de diálogo e reflexão, pois educação refere-se a uma prática concreta, portadora de significados e valores com sentido para a vida do educando.

No entanto, creio que existem alguns equívocos na atuação profissional. Visando incrementar suas aulas alguns educadores confundem a prática docente com um grande espetáculo teatral. É claro que, em alguns momentos, recursos devem ser utilizados para descontrair o ambiente. Mas, esta não deve ser a regra. As aulas devem ser planejadas com compromisso e responsabilidade, tanto com o conhecimento, como visando o desenvolvimento de posturas para a vida em sociedade.

Abordo esta questão porque no início da minha carreira havia o discurso de *professor /ator*. Bom professor era aquele que se tornava *amigão*, falava da sua *vida pessoal*, contava *piadas*. Suas aulas eram *descontraídas* com muita

diversão. Havia mesmo um *endeusamento* dos professores que faziam *malabarismo* com o ato de ensinar, que cantavam e representavam, ou seja, eram *atores do ensino*. Não concordo com esta postura, pois penso que banaliza a educação. Acredito que alguns professores fizeram interpretações equivocadas dos literários da época e conseqüentemente no ato de educar. Acho essa forma de ensinar uma desvalorização do potencial dos alunos e um desrespeito à capacidade humana

Na época sentia tristeza, pois este discurso não era o meu propósito de ensinar. Esta dinâmica não traria aos alunos consciência de um mundo real, nem reflexões sobre o exercício da vida. Ela só iria reforçar ideias de senso comum.

Muitas vezes, a criança ao chegar à escola não tem consciência do significado deste dia para sua vida. Em alguns lares não há dialogo sobre a função da escola, da possibilidade do desenvolvimento de aptidões, da importância da convivência e interação com outras crianças, da construção de autonomia. Concebo a escola como um lugar onde as pessoas convivem, aprendem a ter atitudes de respeito e têm acesso aos conteúdos escolares. O aluno com a formação proporcionada pela escola vivenciará o mundo do trabalho com atitudes éticas, independência emocional e financeira. Em outras palavras, exercerá sua cidadania.

Com esse ideário, procuro exercer minha função docente. Acredito mesmo que o principio básico de uma educação de qualidade é desenvolver no aluno sentimentos afetivos, respeito para com o próximo e com o ambiente no qual ele está inserido. Busco relacionar os fundamentos teóricos dos livros ao cotidiano do aluno desenvolvendo projetos pedagógicos, articulando conhecimentos temáticos - históricos, culturais, projetos arquitetônicos - com questões da atualidade. Considerar o educando como construtor de saberes possibilita novas posturas perante o mundo. Faz com que ele seja protagonista, ou seja, se torne ativo no ato de aprender e conviver.

Vários são os projetos que já desenvolvi com meus alunos visando o autoconhecimento, o desenvolvimento de valores, autoestima e comportamentos mais adequados no ambiente da escola. Um deles, por exemplo, teve como objetivo relacionar fatos como a Revolução Francesa e

questões atuais no intuito de desenvolver atitudes cidadãs. Outro, desenvolvido frequentemente, visa o reconhecimento do Patrimônio Histórico da cidade de Congonhas e o sentimento de pertencimento. Para realizá-lo alio os bens culturais da cidade aos estudos da extração do ouro no século XVIII.

Desde 1998, quando através de um concurso público fui admitida na Rede Municipal de Congonhas, na função de professora de Educação Básica, para atuar nas séries finais do Ensino Fundamental, busco desenvolver projetos sobre Congonhas. Essa cidade é uma referência mundial por abrigar expressivo acervo arquitetônico e cultural. Acredito que é fundamental que os alunos conheçam esse acervo e ao mesmo tempo desenvolvam sentimentos de afetividade e pertencimento em relação aos bens culturais que formam a História local.

Minhas propostas pedagógicas visam o conhecimento da história e da importância de Congonhas no cenário nacional e mundial. Para envolver os alunos e despertar seu interesse apresento como atividade final dos estudos um trabalho de campo a diversos lugares da cidade ou outras consideradas patrimônio histórico. A proposta inicial era que cada turma visitasse um determinado espaço: os alunos do 6º Ano o Centro Histórico de Congonhas e os do 8º Ano a antiga capital mineira, Ouro Preto. Entretanto, o deslocamento para outra cidade acarreta custos financeiros. Os alunos não tinham condições de arcar com os gastos e a Rede Municipal não oferecia recursos. Certa da importância desta prática pedagógica decidir angariar apoios e patrocínio para empresários locais¹. Por três anos consecutivos a viagem dos alunos foi financiada dessa maneira até a Prefeitura passar a disponibilizar recursos para essa atividade.

1.3 Tornando-me especialista em Educação Patrimonial

Diante do exposto, nem é preciso dizer sobre a enorme expectativa e alegria que senti ao ter conhecimento da parceria entre a Prefeitura Municipal de Congonhas e a Universidade Federal de Minas Gerais na oferta do curso de

¹ É preciso destacar o empenho do proprietário do restaurante *Parada de Minas*, sr. Marcos Barata, que arcou com todas as despesas do transporte ,e ainda, no dia da viagem oferecia lanche para todas as crianças.

especialização em Educação Ambiental e Patrimonial. Fui uma das primeiras a fazer inscrição. Sabia que não seria fácil, pois mais uma vez teria que conciliar família, trabalho e estudos.

Este curso vinha ao encontro de minha proposta de trabalho. Mesmo sem ter muito preparo já trabalhava com Educação Patrimonial. Vislumbrei a possibilidade de reflexões teóricas e socializar minhas dúvidas sobre o trabalho em sala de aula, as atividades e estratégias didáticas.

Com toda essa expectativa iniciei minha especialização. A princípio, muitas leituras de periódicos, livros e debates. Em cada aula conhecia experiências que se articulavam com as minhas ideias. Em outros momentos, conhecia ideias que respaldavam minha experiência. Aprendia com os mestres e colegas. Com a professora Mônica aprendi a olhar os lugares; a ter um novo olhar e enxergar um mundo rico em detalhes; perceber que além do mundo da matéria há também essência humana; que os lugares dizem muito sobre os sentimentos das pessoas que ali viveram, as que ainda vivem ou mesmo as que ainda viverão.

Com a professora Selma aprendi que toda pesquisa deve ter objetividade, organização de ideias e seguir uma direção, uma linha de pesquisa, em busca de respostas para as hipóteses formuladas, ou seja, o conhecimento em si.

Com a professora Cláudia aprendi que preciso expor minhas ideias através da escrita com a mesma facilidade que as transmito oralmente, pois nem sempre repasso na escrita àquilo que quero dizer. Entendi que projeto de pesquisa é algo simples de se fazer, mas há normas acadêmicas. Tenho que escrever de modo que o outro leia e entenda.

Muitos outros conhecimentos foram adquiridos ao longo destes quase dois anos de curso. Impossível registrá-los todos aqui. No entanto, é preciso ressaltar que o maior de todos foi a diferença em minha atuação em sala de aula. Atualmente, antes de iniciar trabalhos com meus alunos, além da oralidade que sempre utilizei como recurso de coleta de informações, uso também o meio da escrita. Procuo problematizar apresentando uma série de perguntas relacionadas à cidade, aos aspectos que envolvem os bens

culturais. Ao fazer esta sondagem obtendo resultados concretos sobre o nível de entendimento em relação aos assuntos expostos e consigo identificar melhor o que deverá ser explorado nas pesquisas. Neste sentido, considero esta prática bastante eficiente, pois além de detectar e sanar dificuldades, cria, ao mesmo tempo, novas possibilidades de conhecimento e aprendizagem.

Além dessas dinâmicas, conheci na Pós Graduação outras estratégias que podem tornar o ato de aprender uma diversão. Estou me referindo ao Produto Pedagógico, requisito da disciplina ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica. Entre tantas formas de conhecimento, desenvolver nos alunos habilidades de produção foi a prática mais interessante. De acordo com a habilidade de cada um e mediante aos temas pesquisados, os alunos escolheram o que iriam desenvolver para demonstrar a sua aprendizagem sobre o Patrimônio Cultural de Congonhas. Assim, com os recursos disponíveis, os alunos produziram diferentes tipos de jogos, poesias, teatro. O resultado foi emocionante e compensador. O envolvimento e a parceria entre eles me emocionaram. Para apresentar os trabalhos à comunidade escolar, foi criada uma **sala temática**.



Figura 1 - EMDJM – Sala Temática

Ao chegarem ao espaço, os alunos eram recebidos pela aluna Jennifer que explicava a proposta do trabalho e os objetivos dos jogos. Na sequência, o aluno Jean passava um vídeo sobre a história e a importância do patrimônio. Após a exibição do filme, a sala era liberada para os jogos. Os alunos gostaram muito, sendo difícil convencê-los a retornar para suas salas de aula.

Ao analisar minha proposta de trabalho, antes e depois do curso de especialização, são perceptíveis as mudanças e o quanto cresci profissionalmente. Entendo que a disponibilização dos recursos para a aplicação do curso faz parte de propostas governamentais e verbas financeiras enviadas para este fim. Entretanto, a meu ver, isso não tira o mérito da Prefeitura Municipal de Congonhas, através do Departamento de Educação, por ter possibilitado a mim e a todos os interessados, oportunidade ímpar de aprimoramento profissional aplicada por uma instituição federal como a UFMG, considerada referência em qualidade de ensino.

2. PROJETO DE TRABALHO

(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos” (FREIRE, 1982: 33).

O educador deve explorar o conhecimento do passado aliado às questões do presente e assim contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade do aluno, que passa a entender a sua participação no processo histórico. De certa forma ele se percebe sujeito da história da coletividade. Não importa há quanto tempo os fatos ocorreram, mas sabe ser parte desta engrenagem. Assimilando esta realidade, ele interage e passa a querer saber mais e mais. Dessa forma, a intenção educativa é atingida: instigar o desejo de saber, de querer compreender o passado, tão próximo, porém de um tempo que até então não lhe pertencia, pois a curiosidade ainda não permeava sua mente.

2.1 Apresentação do tema

2.1.1 O valor da educação ambiental e Patrimonial no ensino escolar

Antes de iniciar a exposição deste trabalho se faz necessário definir o significado da palavra Patrimônio, já que ela é central neste estudo. Segundo TEIXEIRA (2004)

O vocábulo Patrimônio refere-se, originalmente, à herança paterna, ou seja, aos bens materiais transmitidos de pai para filho. Daí o termo, ainda hoje, referir-se à herança familiar. A extensão do uso do termo como herança social aparece na França pós-Revolucionária, quando o Estado decide tutelar e proteger as antiguidades nacionais às quais era atribuído significado para a história da nação. O conjunto de bens entendidos como herança do povo de uma nação foram então designados como Patrimônio Histórico. Importante observar que em sua acepção original, incluía não apenas os bens imóveis, mas também os bens móveis, tais como acervos de museus e documentos textuais (TEIXEIRA, 2004: 02).

Perceber e reconhecer essa herança deve nortear o trabalho de Educação Patrimonial. Acredito que a natureza e importância de uma proposta educacional parte da teoria para a prática. Visa não somente a capacidade de pensar, agir e interagir no mundo, como também desenvolver a potencialidade de absorver desta realidade algo que seja significativo e relevante para a vida.

Neste sentido, deve possibilitar ao aluno o contato com objetos, situações, lugares e pessoas, permitindo-o uma aprendizagem contextualizada, prazerosa que parte da valorização e da cooperação entre todos afim de que haja o respeito aos bens da coletividade.

Sensibilizar o jovem para a sua contribuição social e fazer com que perceba o seu ganho na ação de preservação do ambiente histórico significa garantir às gerações futuras o conhecimento deste passado e da composição social política econômica do espaço em que vive.

Imbuída desses pressupostos decidi desenvolver o projeto *Cultura, Arte e Patrimônio: Conhecer para manter!* Creio que esta ação fará diferença na vida desses alunos. Despertará neles o sentimento de pertencimento e de que o patrimônio de Congonhas é de todos e deve ser cuidado com responsabilidade para o benefício de toda a sociedade



Figura 2 – Profetas – Congonhas/MG

2.2 Problemas de pesquisa

Porque a maioria dos alunos não se interessa por conhecer as representações culturais, arquitetônicas, artísticas de sua cidade? Como propiciar o interesse pelas questões culturais de Congonhas? Como instigar os alunos à curiosidade sobre a História local, tornando-a significativa? Como incentivar o

desenvolvimento de sentimentos de afetividade e respeito ao patrimônio? Como estimular ações cidadãs de proteção e preservação do patrimônio? Tais questões nortearam o desenvolvimento dessa pesquisa.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo Geral

Desenvolver ações de Educação Patrimonial que possibilitem aos educandos da Escola Municipal Dom João Muniz o conhecimento da História de Congonhas - uma cidade patrimônio -, para que se reconheçam como parte desta História e assim possam desenvolver atitudes cidadãs.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Motivar a curiosidade dos alunos em relação à História da cidade.
- Incentivar a pesquisa sobre a História, as Artes e a arquitetura de Congonhas.
- Desenvolver estratégias para proporcionar aos alunos um conhecimento participativo e dinâmico.

2.4 Justificativa

O fato de morar em uma cidade histórica não torna mais necessário a discussão em torno dos aspectos culturais que compõe a sua história. Tais aspectos devem ser tratados com a devida atenção na medida em que se entende que espaço, povos, fatos, cultura estão intimamente ligados. Entretanto, muitas vezes o conteúdo dos livros didáticos apresenta contrapontos com a realidade vivenciada. Dessa forma, amplia o compromisso profissional e desperta a sensação de admiração e pertencimento a um lugar de memória.

Infelizmente, nem sempre a historicidade desse lugar é percebida por seus moradores. Muitas vezes, acostumados a este cenário sequer o associam à história contada nos livros.

A cidade a qual me refiro trata-se de Congonhas, considerada mundialmente como a maior representante da arte barroca, assinalada pelas obras de Aleijadinho, que estão expostas no adro da igreja de Bom Jesus de Matozinhos.

Por abrigar estas obras, Congonhas é conhecida internacionalmente como um grande museu ao céu aberto. Além desta importância cultural de grande proporção existem outros bens culturais não tão divulgados, mas com grande valor patrimonial. Neste sentido é possível citar a *Estrada Real* que corta o bairro Jardim Profeta.

Este bairro encontra-se próximo à BR 040, uma região afastada do Centro Histórico de Congonhas. Nele está localizada a Escola Municipal Dom João Muniz, local de desenvolvimento desse trabalho. Os alunos da EMDJM estão na faixa etária entre 10 a 15 anos. Nela frequentam discentes cursando os anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano).

Apesar de os alunos, moradores neste bairro, passarem todos os dias pelas ruas, pelo Marco da Estrada Real, muitos desconhecem o seu significado e a história que envolve o seu passado.

Através da minha pesquisa diagnostiquei também que os alunos desconhecem a origem da cidade, não conhecem a arquitetura presente, a sua arte, sua importância no cenário mundial como bem patrimonial.

Diante desse contexto, é imprescindível o desenvolvimento de projetos que despertem o desejo de (re) conhecer esse lugar. Tais projetos se filiam a uma proposta de ensino fundamentada na Educação Patrimonial. Segundo HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO(1999),

A Educação Patrimonial consiste em provocar situações de aprendizado sobre o processo cultural e, a partir de suas manifestações, despertar no aluno o interesse em resolver questões significativas para sua própria vida pessoal e coletiva. O patrimônio histórico e o meio ambiente em que está inserido oferecem oportunidades de provocarmos nos alunos sentimentos de surpresa e curiosidade, levando-os a querer conhecer mais sobre eles. Nesse sentido podemos falar na “necessidade do passado”, para compreendermos melhor o “presente” e projetarmos o “futuro”. Os estudos dos remanescentes do passado motivam-nos a compreender e avaliar o modo de vida e os problemas enfrentados pelos que nos antecederam, as soluções que encontraram para enfrentar esses problemas e desafios, e a compará-las com as soluções

que encontramos para os mesmos problemas (moradia, saneamento, abastecimento de água, etc). Podemos facilmente comparar essas soluções, discutir as causas e origens dos problemas identificados e projetar as soluções ideais para o futuro, um exercício de consciência crítica e de cidadania num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO,1999:03).

De acordo com o autor, aliar o desenvolvimento de projetos na prática de ensino, conduz o aluno a aprender em processos. Aguça sua curiosidade, gera dúvidas, motiva novas pesquisas, e o induz a estabelecer relações do passado com o presente. Portanto, incentiva-o a novas buscas, compreensões e reconstruções do conhecimento para o entendimento e reconhecimento do seu entorno. Faz com que o aluno se interesse pois ele é o próprio articulador e mentor da sua aprendizagem. Ao professor cabe realizar as mediações necessárias para que o aluno possa encontrar sentido naquilo que está aprendendo, a partir das relações criadas nessas situações.

RICCI (2007) lembra a importância do estabelecimento de relações significativas com o vivido, para o envolvimento do aluno.

O tema de estudo pode, dessa forma, ser percebido pelo o professor através de conversas e atividades desenvolvidas com os alunos ou pode simplesmente ser deliberadamente proposto pelo o professor. Na verdade, o aluno é capaz de se interessar pelos os mais diferentes assuntos, desde que passe a estabelecer relações significativas com aquilo que conhece e vivencia. (RICCI, 2007:16)

Estudando os eixos temáticos e relacionando-os ao seu contexto o aluno passa a enxergar o ensino de uma maneira singular, passa a ter um olhar próprio para seu mundo, cheio de significados. Dessa forma, fica motivado a desenvolver novas posturas em relação ao seu entorno.

Esta proposta de educação voltada para o experimentado, o vivido, provoca no aluno o (re) conhecimento de sua realidade. Este novo olhar o leva a agregar valores ao que é próprio de sua cultura, propiciando o desejo de saber mais, motivando-o ao estudo e à pesquisa. Decorrências desse processo serão o desabrochar de sentimentos de estima por sua cidade; uma sensação de pertencimento e a percepção de que esse patrimônio é de todos e deve ser cuidado com responsabilidade para o benefício de toda a sociedade.

Para conseguir desencadear esse processo é preciso que o aluno esteja motivado para o ensino. E esta motivação poderá ser adquirida a partir do momento em que ele compreender o que é proposto e passar a ser o próprio condutor do processo. Segundo CARLOS (1996),

O lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas de um conjunto de sentidos e usos. Assim, o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos que ocorrem ou ocorreram no mundo. (CARLOS, 1996:21/22)

A autora reforça a importância de um estudo agregado à realidade, na medida em que o lugar marca profundamente o cotidiano e por isso representa algo expressivo para as pessoas.

Nesta perspectiva, estudar os caminhos antigos, chamados Estrada Real, que cortam o bairro Jardim Profeta, onde grande parte dos alunos mora, e ainda conhecer a História do surgimento da cidade de Congonhas, quando e como aconteceu a constituição da arquitetura barroca do século XVIII, demanda provocar nos alunos reflexões sobre passado e presente estabelecendo com esta realidade uma perspectiva de futuro.

Para alcançar estas metas, faz-se necessário desenvolver um projeto visando ampliar a capacidade de entendimento do aluno para os conteúdos e ao mesmo tempo entender que a relação da realidade a qual ele vive com os estudos aplicados em sala. A partir daí, novas projeções surgem no aprendizado, fazendo com que haja maior envolvimento da turma.

Visando concretizar esses pressupostos, um projeto de Educação Patrimonial foi desenvolvido através estudos em sala de aula, pesquisas, debates, resolução de exercícios, trabalho de campo.

Após todas as etapas de estudos vencidas os alunos foram convidados a criar um produto para ser apresentado à comunidade escolar. Este produto final poderia ter diferentes formatos: uma história em quadrinhos, poesia, jogos de tabuleiro.

A expectativa é que, a partir deste projeto, os alunos da Escola Municipal Dom João Muniz possam ser referência em ações de cidadania, respeito e valorização ao patrimônio histórico e também, disseminadores da

história muito falada e tão pouco conhecida de sua cidade.

2.5 Descrição do produto pedagógico

(...) organizar as interações e as atividades, de modo que cada aluno seja confrontado constantemente ou, ao menos, com bastante frequência, com situações didáticas mais fecundas para ele. (PERRENOUD, 2001:26-27)

Como já afirmado anteriormente, os alunos realizaram diferentes atividades relacionadas ao século XVIII: pesquisas bibliográficas, desenhos, produção de texto, interpretação de textos, informações orais, apresentação de trabalho. As fotografias a seguir retratam cenas das atividades desenvolvidas em sala de aula.



Figura 3 - Atividades em sala de aula – Alunos do 8º Ano



Figura 4 – Debate – alunos da EMDJM



Figura 5 - Exposição de Desenhos - EMDJM



Figura 6 Mural - História, arte e cultura de Congonhas. EMDJM

Alem destas atividades em sala de aula e para aprofundar os estudos, foram realizadas pesquisa de campo e visitas técnicas. O bairro Jardim Profeta, onde está localizada a Escola Municipal Dom João Muniz, convive com o passado. Como já afirmado, é recortado pelo o *caminho Velho*, antiga

passagem dos tropeiros para chegar às regiões das minas de ouro, hoje denominada de Estrada Real. Realizamos uma caminhada por parte do percurso que corta o bairro, na intenção de envolver os alunos para o reconhecimento deste bem e também provocar ações de defesa, valorização e preservação.



Figura 7 - Pesquisa de campo – Bairro Jardim Profeta

Durante o trajeto os alunos conversavam com os transeuntes sobre a importância histórica das ruas e ao mesmo tempo se sensibilizaram para posturas cidadãs, ao perceberem a falta de placas em alguns marcos e o acúmulo de sujeira ao seu redor.



Figuras 8 e 9 - Reconhecimento da Estrada Real Bairro Jardim Profeta

Ao retornarmos para a escola, apresentei aos alunos a proposta de confecção de um produto para que registrassem o seu conhecimento sobre os estudos realizados. Para a execução desta atividade foi considerada a habilidade do aluno para a produção.

Os alunos demonstraram muito interesse e motivação. Desejosos por criar algo que simbolizasse sua cidade, decidiram que não iriam produzir um só produto, mas vários. Alguns alunos optaram por fazer individualmente, outros em grupo. Após esta decisão de comum acordo, repassei as orientações. Todos os produtos deveriam se relacionar com as questões da cultura, arte e arquitetura da cidade. E os alunos poderiam escolher o formato: jogos, revistas em quadrinhos, poesias, histórias.

Para apresentar os resultados à comunidade escolar, foi organizada uma sala temática. Nela os textos produzidos e cartazes informativos foram expostos e mesas foram montadas para que pudessem jogar.



Figura 10 - Sala Temática- Exposição dos trabalhos. EMDJM

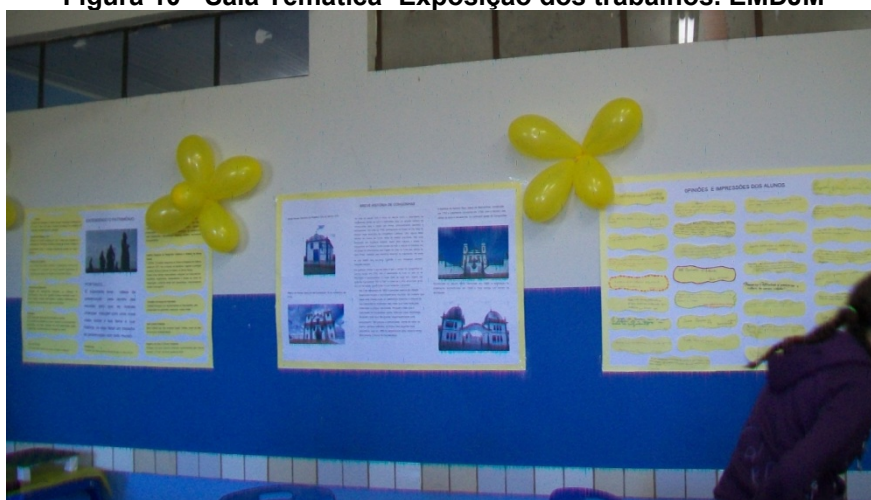


Figura 11 - Sala Temática- Exposição dos cartazes. EMDJM

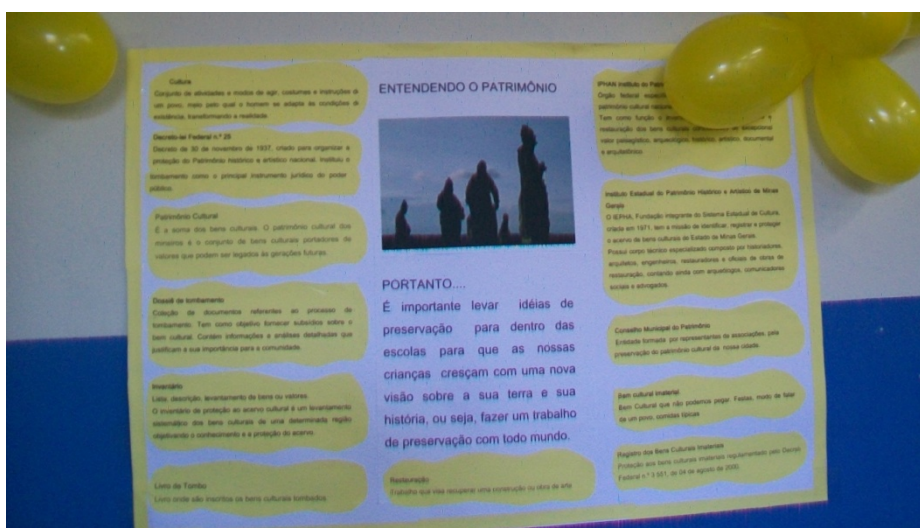


Figura 12 - Cartaz Entendendo o Patrimônio. Sala Temática- EMDJM

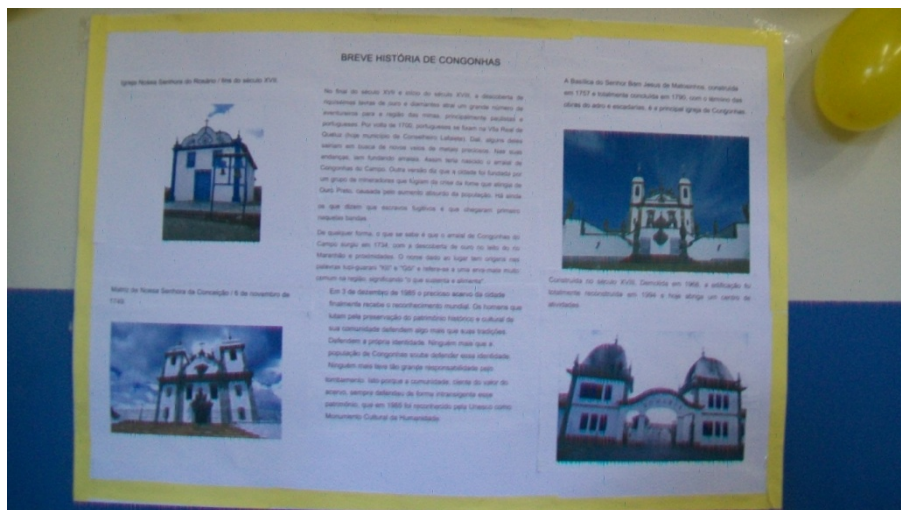


Figura 13 - Cartaz Breve História de Congonhas. Sala Temática- EMDJM

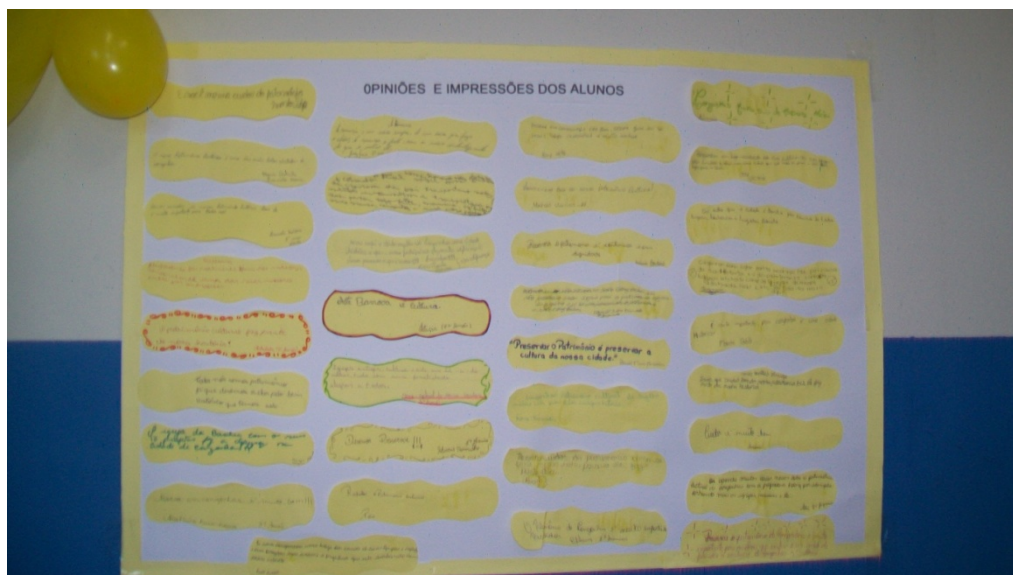


Figura 14 - Cartaz Opiniões dos alunos. Sala Temática- EMDJM

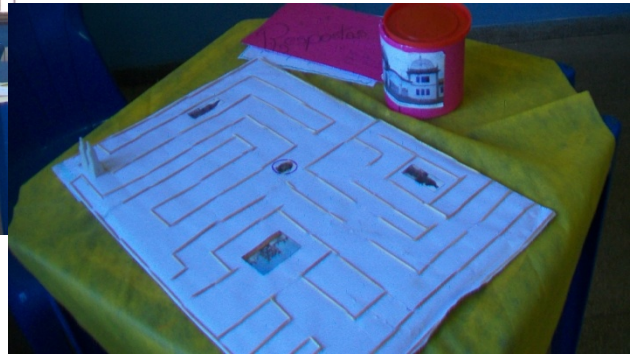


Figura 15 - Mesas com os jogos. Sala Temática- EMDJM



Figura 16 – Registros fotográficos das etapas do Projeto. Sala Temática- EMDJM





Figuras 17 a 22 – Visitantes. Jogo. Sala Temática- EMDJM

O envolvimento dos alunos foi imenso. Todos participaram e de acordo com suas habilidades e escolhas desenvolveram diferentes jogos. A seguir, apresento uma breve descrição sobre alguns dos jogos criados.

2.5.1 Banco Imobiliário

Tema: espaço urbano atual e patrimônio cultural

Material utilizado: papelão e cartolina.

Instruções do jogo: baseia-se nas mesmas estruturas dos jogos comerciais.



Figura 23 – Banco Imobiliário. Sala Temática- EMDJM

2.5.2 Jogo de Pista

Tema: As igrejas coloniais

Material utilizado: papelão, pincel, lápis de cor, cartolina, gravuras.

Instruções: Através do jogo de dados sair da casa número um, com o objetivo de chegar primeiro a Basílica de Bom Jesus.



Figura 24 – Jogo de Pista. Sala Temática- EMDJM

2.5.3 Jogo dos Sete Erros

Tema: Igreja do Rosário

Material utilizado: papel cartão, pincel, lápis de cor

Instruções: identificar sete erros entre os dois desenhos da Igreja do Rosário.



Figura 25 – Jogos dos Sete Erros. Sala Temática- EMDJM

2.5.4 Jogo de Dados

Tema: Centro cultural de Congonhas

Material utilizado: cartolina, gravuras, fotografias, pincel, lápis de cor

Instruções: dados para indicar as casas percorridas e um marcador para indicar sua posição.



Figura 26 – Jogo de Dados. Sala Temática- EMDJM

2.5.5 Jogo quebra-cabeça

Tema: Capela dos Passos

Material: lápis de cor, pincel, papel cartão, papelão

Instruções: Encaixar as partes de forma correta.



Figura 27 – Alunas montam o quebra cabeça. Sala Temática- EMDJM

2.5.6 Jogo de Damas

Tema: Profetas de Aleijadinho

Material: madeira, cartolina, lápis de cor, produto emborrachado e caneta.

Instruções: montar estratégias para ganhar as pedras do adversário.



Figura 28 – Jogo de Damas. Sala Temática- EMDJM

Além dos jogos foram produzidos livros de poesias, textos e Histórias em quadrinhos



Figura 29 – Exposição dos textos e livros de poesias. Sala Temática- EMDJM

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

. CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Ensino em Re-vista, 4(1): 43-51, jan/dez. 1995

FREIRE, P *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 43ª edição, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira, GRUNBERG, Evelina: MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*, Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Museu Imperial, 1999.

Perrenoud, Philippe. *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso*: Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

RICCI, Claudia Sapag. *Pesquisa como ensino. Textos de apoio. Propostas de trabalho*/Claudia Sapag Ricci. – Belo Horizonte : Autentica , 2007

SOARES, Magda. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 2001.